O ECO®
Jornal da Ilha Grande

Julho de 2020 - Edição 255

Abraão, Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ

CONHEÇA O MUNDO DO GELO

RESERVA DE ÁGUA E PAISAGEM MILENAR, GELEIRA TORRECILLAS!

FOTO: Turismo e Getiòn Esquel



PÁGINA 03

MEIO AMBIENTE

COVID-19: MEIO AMBIENTE PAGA A CONTA DA CULTURA DO DESCARTE

PÁGINA 03

BABILON

CORONAVÍRUS: MUITOS ERROS, NENHUM ACERTO, E O PAROXISMO DA ESTUPIDEZ

PÁGINA 13

NOTÍCIA

ENCONTRO ENTRE AS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE DO ABRAÃO

PÁGINA 12

EDITORIAL



VALERÁ A PENA SER PRESIDENTE DO BRASIL?

Referindo-me ao desgaste pessoal que gera governar este país, mereceria pensar se traz algo pelo menos construtivo, para a alma de quem está no desempenho deste cargo tão importante.

Os presidentes após o período militar, serviram praticamente de capachos da imprensa e chacota pelos que tiveram direito a expressão e mais tarde à internet. Entre quatro paredes e um computador, o brasileiro se agiganta e sem nenhum tipo de análise aos fatos, inconsequentemente e sem ética, joga suas verdades aos quatro ventos, especialmente ao vento que está em direção ao Presidente da República e não importa que tendência tenha, que partido tenha, o desafeto será ao cargo, ou a pessoa do presidente?

Observem que todos os presidentes desse período, sofreram pesados processos, alguns presos outros com impeachment, em que pese grande culpa dos outros dois poderes que normalmente tiveram ranço desarmônico, a opinião pública dos desastrados da ética teve grande peso. Quem conseguiu de certa forma governar em seu primeiro mandato foi o Lula, mas a troco de barganhas e sábio jogo de cintura, que o levou a tropeçar, parando na cadeia, levando consigo ministros, entre outros.

Com relação ao povo, parece ter como slogan a expressão espanhola: "se tem governo sou contra, ou ainda se o governo administrasse o Saara, em cinco anos não teria mais areia". É caro leitor, este tem sido o caminho da democracia brasileira, sempre confundida com a desordem, ranços, rancores e agressões.

Assim nunca haverá harmonia, temos que saber ganhar e saber perder. Isso nem a elite brasileira sabe.

A grande massa brasileira não sabe pensar, suas ideias sem nenhuma análise são jogadas como verdades absolutas e muitas vezes se tornam absurdamente dogmas.

Os grandes pensadores brasileiros, que prezam pela história do pensamento, não conseguem se fazer entender, face ao bloqueio mental de quem os escuta. Já assisti palestras e entrevistas com muita sabedoria de alguns pensadores, que sem mostrar tendências de esquerda, direita, centro ou outros, mostraram com análise dos fatos, importantes caminhos para a sociedade. No entanto a grande maioria da sociedade não alcançou ao que disseram, exatamente por não terem demonstrado tendências. Eles, os pensadores, possivelmente não entenderam o comportamento do povo, porque falar de política para a maior parte de nosso povo, é como mostrar a formação de um buraco negro em uma galáxia a um indivíduo que ainda hoje tem convicção absoluta de que a terra é plana.

Você riu, não é leitor? Pois é! A realidade é esta e enquanto assim o for, teremos sempre um país medíocre e subjugado ao interesse de outros países.

É muito lamentável, pois o Brasil está entre os melhores países do mundo, mesmo com sua total desordem. Observem que o estrangeiro vem para cá, burla até a lei para não voltar ao seu país.

Ironicamente o nosso império pode ser visto como muito mais harmônico e produtivo que nossa republiqueta. Dom Pedro I fez nossa independência a duras penas pelas guerras internas que surgiram. Dom Pedro II, naqueles tempos difíceis construiu uma estrada de ferro de São Paulo a Montivideu, pregou a harmonia no país, aboliu em seu período de império a escravidão, que a nossa república a mantem por baixo dos panos até hoje. Enfim, se comparamos, o império era mais democrático que a república, mãe de todo os vícios políticos que não se desfazem. Toda a mentalidade que emperra o país, foi criada pela república.

Bem, necessitaria do jornal inteiro para desenvolver detalhes do que estou me referindo, mas acredito leitor, que sua capacidade será capaz de encaixá-los nos momentos certos. Meu editorial tem a intenção de fazer pensar, mesmo que não concordem com o que penso.

O EDITOR

Este jornal é de uma comunidade. Nós optamos pelo nosso jeito de ser e nosso dia a dia, portanto, algumas coisas poderão fazer sentido somente para quem vivencia nosso cotidiano. Esta é a razão de nossas desculpas por não seguir certas formalidades acadêmicas do jornalismo. Sintetizando: "É de todos para todos e do jeito de cada um"!



Sumário

03 QUESTÃO AMBIENTAL
09 TURISMO
10 COISAS DA REGIÃO
11 TEXTOS, NOTÌCIAS E OPINIÕES
13 BABILON
17 COLUNISTAS
18 INTERESSANTE

Expediente

DIRETOR EDITOR: Nelson Palma
CHEFE DE REDAÇÃO: Núbia Reis
CONSELHO EDITORIAL: Karen Garcia, Raissa Jardim, Núbia Reis.
DIAGRAMAÇÃO: Raissa Jardim

COLABORADORES:
Adriano Fabio da Guia, Alba Costa Maciel, Amanda Hadama, Angélica Liaño, Bebel Saravi Cisneros, Érica Mota, Heitor Scalabrini, Hilda Maria, José Zaganelli, Karen Garcia, Lauro Eduardo Bacca, Maria Rachel, Neuseli Cardoso, Núbia Reis, Pedro Paulo Vieira, Raissa Jardim, Ricardo Yabrudi, Renata Paganotto, Renato Buys, Roberto Pugliese, Rosanne Pinheiro, Sabrina Matos, Sandor Buys e Talita Nascimento.

DADOS DA EMPRESA:
Palma Editora LTDA.
Rua Amâncio Felício de Souza, 110
Abraão, Ilha Grande-RJ
CEP: 23968-000
CNPJ: 06.008.574/0001-92
INSC. MUN. 19.818 - INSC. EST. 77.647.546
Telefone: (24) 3361-5410
E-mail: oecojornal@gmail.com
Site: www.oecoilhagrande.com.br

As matérias escritas neste jornal, não necessariamente expressam a opinião do jornal. São de responsabilidade de seus autores.

- MATÉRIA DE CAPA

RESERVA HÍDRICA Y PAISAJE MILENARIO

GLACIAR TORRECILLAS: EL ALTIVO CUSTODIO DEL PARQUE NACIONAL LOS ALERCES

Sobreviviente de la última glaciación y portador de 24 mil años de majestuosa existencia, el Glaciar Torrecillas, de imponente blanco, cóncavo se sostiene como una carpa de circo, colgando de las montañas. A su alrededor, se expande la inmensidad multicolor del Parque Nacional Los Alerces, protegido como patrimonio mundial desde hace tres años. Unos 60 kilómetros al sureste, la ciudad de Esquel es su más importante referencia urbana.

En el punto superior del glaciar colgante, desprendimientos conforman un ventisquero o glaciar regenerado, desde el cual se va delineando la laguna de formación glaciaria del Antiguo, de 50 metros de profundidad y un kilómetro de largo. Este espejo de agua, de brillante turquesa, crece año tras año en tanto el glaciar retrocede.



Imagem extraída de Google Maps

Sobre una montaña de 2253 metros, una de las más altas del Parque Nacional Los Alerces, el glaciar Torrecillas se despliega como un manto blanco y helado que atraviesa las nubes. Al tener su cara al sur, recibe menos luz solar y es por ello que se conserva su formación glaciaria. Desde el lago, conmueve la imagen de una inmensa pared frontal de casi 200 metros, de impoluto blanco en la cima, contaminada de puntillado verde mientras va acercándose a la base. De alguna manera, el glaciar es el gran creador de todos los paisajes que lo escoltan.

El traslado hasta el lugar supone, en tiempos normales, largas horas de traslados en vehículos, caminatas y navegación. Como recompensa, un cúmulo de postales inenarrables conmueve año tras año tanto a turistas que arriban desde lejanos horizontes como a habitantes de la región, que desconocen este diamante en bruto que habita como vecino milenario.



Hielos con historia

El Instituto Argentino de Nivología, Glaciología y Ciencias Ambientales (IANIGLA), unidad Ejecutora dependiente del CONICET, define al glaciar como "un cuerpo permanente de hielo y nieve, que se ha formado por la acumulación, compactación y recristalización de la nieve acumulada en el invierno y que no logra derretirse en el verano siguiente". Al tratarse de formaciones que dependen de las precipitaciones y la temperatura, se considera que son buenos indicadores del cambio climático.

"El hielo glaciar se forma a partir de la acumulación de sucesivas nevadas. A medida que aumenta el espesor, la compactación provocada por el propio peso de la nieve, más la fusión y recongelación de los cristales, van transformado la nieve, que pierde porosidad y gana densidad", explican desde el IANIGLA.

La preservación del Torrecillas y de todos los glaciares del país, está contemplada desde 2010 por la Ley Nacional 26639 de Régimen de Presupuestos Mínimos para la Preservación de los Glaciares y del Ambiente Periglacial. Esta norma los reconoce como "reservas estratégicas de recursos hídricos para el consumo humano; para la agricultura y como proveedores de agua para la recarga de cuencas hidrográficas; además para la protección de la biodiversidad; como fuente de información científica y como atractivo turístico".

Uno de los requerimientos de esta Ley Nacional fue la puesta en marcha del Inventario Nacional de Glaciares, tarea que se

le encomendó al IANIGLA, y que permitió el relevamiento de más de 560 mil kilómetros cuadrados en la Cordillera de los Andes y en las Islas del Atlántico Sur. Este Inventario permitió conocer que hay en la Argentina 16968 cuerpos de hielo existentes que ocupan 8484 kilómetros cuadrados. También aportó elementos de estudio que permiten complementar historia glaciológica con la historia ambiental de nuestro país.

Por su ubicación geográfica y por la información histórica y la disponibilidad de otros registros existentes, el glaciar Torrecillas fue elegido para ser estudiado en el marco de ese mapeo. Fotografías de 1899 y 1937, sumado a tomas aéreas más recientes permitieron advertir modificaciones que se fueron generando con el paso del tiempo.

Entre otros atributos, se reconoce que los glaciares cordilleranos son "reservas estratégicas" de agua para las zonas bajas adyacentes y gran parte de la diagonal árida del país. Su contribución al caudal de los ríos andinos, deviene en volúmenes significativos de agua de deshielo a la escorrentía, colaborando con la tarea de minimizar el impacto de las sequías en las actividades socioeconómicas. Cabe destacar que, en el mundo, la reserva del 75 por ciento del agua dulce se encuentra en estado sólido; justamente, en los glaciares.



Todos los colores

El glaciar Torrecillas se halla en una zona de transición entre el bosque andino patagónico y la selva valdiviana, en la que la diversidad paisajística muta con las estaciones, ofreciendo postales inenarrables de majestuosa y dinámica belleza.

Conviven especies arbóreas de selva como el tineo con otras características del bosque andino como el coihue. De un paisaje de vegetación de altura se arriba a un entramado de bonsáis, de edad similar, pero cuyas raíces disputan terreno con desechos de glaciar y grandes formaciones rocosas. El agua es el elemento central del paisaje: en estado sólido en el manto superior del glaciar y desbordante en celestes cuando se convierte en laguna.

Cuando acaba el invierno y el calor todavía no es tan intenso, en el camino se muestran en flor al menos tres especies de orquídeas, los notros explotan en rojos y los árboles de tineo, propios de la selva valdiviana, exponen sus flores que del blanco mutan al rojo de manera espectacular.

Entre abril y mayo, antes de que arrecie el mayor frío, los hongos crecen en el bosque, entre coihues y tineos. Se disfruta de la vegetación rastrera, ya que la humedad se encuentra en su máxima expresión. Y hacia arriba, el bosque de lengas se impone, cuyas hojas rojas bañan las esmeraldas aguas de la laguna con sus flores rojas, componiendo pátinas incomparables.

El paisaje blanco del invierno es imponente, ofreciendo como postal impensada a la laguna congelada. No se distingue el fin del principio del glaciar entre tanto blanco. Al descongelarse la laguna, un centro residual de hielo se irá achicando mientras el resto va recuperando su turquesa habitual, en una progresión fastuosa.

El lago es el gran protagonista del verano, esplendoroso bajo la acechanza de los soles más intensos. A su alrededor, la paleta de colores explota, con el glaciar como persistente guardián del ecosistema, blanco custodio en las alturas.

Perla invaluable

En materia ambiental, científicos del mundo observan con atención el desarrollo del glaciar Torrecillas y el resto de los glaciares cordilleranos de nuestro país, ya que se considera que "el rápido retroceso de los glaciares de los Andes y otras regiones montañosas del mundo es generalmente considerado como uno de los signos más claros del calentamiento que ha experimentado el planeta en las últimas décadas".

Glaciar de circo, el Torrecillas está ubicado en una zona del Parque Nacional Los Alerces preservada de la presencia humana, que recibe unos tres mil milímetros de lluvias al año. Los glaciares se derriten naturalmente porque no estamos en época glaciaria. Pero también por el calentamiento global generado por acción humana.

Testimonio vivo de un tiempo en que todo fue blanco, sobreviviente del fin de la glaciación, cada año amenazado por el calentamiento que impone el desarrollo global de la presencia humana. Altivo, entre los verdes, emblema del Parque Nacional Los Alerces brilla el Glaciar Torrecillas, perla invaluable sobre el paisaje de bosque andino patagónico y selva valdiviana, como ancestral guardián protector.

Tradução

RESERVA DE ÁGUA E PAISAGEM MILENAR GELEIRA TORRECILLAS: O ALTO CUSTODIO DO PARQUE NACIONAL DE LOS ALERCES

Sobrevivente da última glaciação e portadora de 24 mil anos de existência majestosa, a imponente geleira branca e côncava, Torrecillas fica como uma tenda de circo, pendurada nas montanhas. Ao redor, a imensidão multicolorida do Parque Nacional Los Alerces se expande, protegida como patrimônio mundial por três anos. Cerca de 60 quilômetros a sudeste, a cidade de Esquel é sua referência urbana mais importante. No ponto superior da geleira suspensa, as quedas de rochas formam uma geleira ou geleira regenerada, a partir da qual é delineada a lagoa da Geleira Velha, com 50 metros de profundidade e um quilômetro de comprimento. Este brilhante espelho de água turquesa cresce ano após ano à medida

que a geleira recua. Em uma montanha de 2253 metros, uma das mais altas do Parque Nacional Los Alerces, a geleira Torrecillas se desdobra como uma manta branca e gelada que atravessa as nuvens. De frente para o sul, recebe menos luz solar e é por isso que sua formação glacial é conservada. Do lago, a imagem de uma imensa parede frontal de quase 200 metros, de branco imaculado no topo, contaminada com rendas verdes enquanto se aproximava da base, se move. De alguma forma, a geleira é o grande criador de todas as paisagens que a acompanham. A transferência para o local supõe, em horários normais, longas horas de transferências em veículos, passeios e navegação. Como recompensa, uma pilha de cartões postais indizíveis se move ano após ano, tanto turistas que chegam de horizontes distantes quanto habitantes da região, que desconhecem esse diamante áspero que vive como um vizinho milenar.

Gelos com a história

O Instituto Argentino de Nivologia, Glaciologia e Ciências Ambientais (IANIGLA), uma unidade executora do CONICET, define a geleira como "um corpo permanente de gelo e neve, formado pela acumulação, compactação e recristalização da neve acumulada no inverno e não consegue derreter no verão seguinte ". Por serem formações que dependem de chuvas e temperaturas, são consideradas bons indicadores de mudanças climáticas.

"O gelo glacial é formado a partir do acúmulo de nevascas sucessivas. À medida que a espessura aumenta, a compactação causada pelo peso da própria neve, mais o derretimento e as geleira À medida que a espessura aumenta, a compactação causada pelo peso da própria neve, mais o derretimento e o congelamento dos cristais, a neve, que perde a porosidade e ganha densidade, é transformada ", explicam IANIGLA.

A preservação das Torrecillas e de todas as geleiras do país é contemplada desde 2010 pela Lei Nacional 26639, sobre o Regime de Orçamentos Mínimos para a Preservação de Geleiras e o Ambiente Periglacial. Essa norma os reconhece como "reservas estratégicas de recursos hídricos para consumo humano; para a agricultura e como fornecedores de água para recarregar as bacias hidrográficas; também para a proteção da biodiversidade; como fonte de informação científica e como atração turística ".

Um dos requisitos desta Lei Nacional foi a implementação do Inventário Nacional das Geleiras, tarefa confiada à IANIGLA e que permitiu o levantamento de mais de 560 mil quilômetros quadrados na Cordilheira dos Andes e nas Ilhas do Atlântico sul. Este inventário revelou que existem 16968 corpos de gelo existentes na Argentina que ocupam 8484 quilômetros quadrados. Também contribuiu com elementos de estudo que permitem complementar a história glaciológica com a história ambiental do nosso país.

Devido à sua localização geográfica e às informações históricas e à disponibilidade de outros registros existentes, a geleira Torrecillas foi escolhida para ser estudada dentro da estrutura deste mapeamento. As fotografias de 1899 e 1937, adicionadas a fotos aéreas mais recentes, permitiram notar modificações que foram geradas ao longo do tempo.

Entre outros atributos, reconhece-se que as geleiras andinas são "reservas estratégicas" de água para as planícies adjacentes e grande parte da diagonal árida do país. Sua contribuição para o fluxo dos rios andinos torna-se um volume significativo de água derretida para o escoamento, colaborando com a tarefa de minimizar o impacto das secas nas atividades socioeconômicas. Deve-se notar que, no mundo, a reserva de 75% de água doce está em estado sólido; precisamente, nas geleiras.

Todas as cores

A geleira Torrecillas está localizada em uma zona de transição entre a floresta da Patagônia Andina e a selva Valdiviana, na qual a diversidade da paisagem muda com as estações do ano, oferecendo cartões postais indescritíveis de beleza majestosa e dinâmica.

Espécies de árvores florestais como o tineo coexistem com outras características da floresta andina, como o coihue. De uma paisagem de vegetação alta, você alcança uma rede de bonsai, de idade semelhante, mas cujas raízes disputam o terreno com resíduos glaciais e grandes formações rochosas. A água é o elemento central da paisagem: em estado sólido no manto superior da geleira e transbordando em azul claro quando se torna uma lagoa.

Quando o inverno termina e o calor ainda não é tão intenso, pelo menos três espécies de orquídeas estão florescendo, os notros explodem em vermelhos e os tineo, típicos da selva valdiviana, expõem suas flores em branco eles mudam para vermelho dramaticamente.

Entre abril e maio, antes do pior frio, os fungos crescem na floresta, entre coihues e tineos. A vegetação rasteira é apreciada, já que a umidade está no seu melhor. E, para



cima, prevalece a floresta lenga, cujas folhas vermelhas banham as águas esmeraldas da lagoa com suas flores vermelhas, compondo pátinas incomparáveis.

A paisagem branca do inverno é impressionante, oferecendo como um cartão postal impensável para a lagoa congelada. O fim do começo da geleira não pode ser distinguido entre tanto branco. Quando a lagoa derrete, um centro de gelo residual diminui enquanto o resto recupera sua turquesa habitual, em uma progressiva pródiga.

O lago é o principal protagonista do verão, esplêndido sob a espreita dos sóis mais intensos. Ao seu redor, a paleta de cores explode, com a geleira como o guardião persistente do ecossistema, guardião branco nas alturas.

Pérola impagável

Em questões ambientais, os cientistas mundiais observam atentamente o desenvolvimento da geleira Torrecillas e do restante das geleiras montanhosas de nosso país, uma vez que se considera que "o rápido recuo das geleiras dos Andes e de outras regiões montanhosas do mundo é geralmente considerado como um dos sinais mais claros do aquecimento que o planeta experimentou nas últimas décadas ".

A geleira de circo Torrecillas está localizada em uma área do Parque Nacional Los Alerces preservada da presença humana, que recebe cerca de três mil milímetros de chuva por ano. Geleiras derretem naturalmente porque não estamos na era do gelo. Mas também devido ao aquecimento global gerado pela ação humana.



Evidência viva de uma época em que tudo era branco, sobrevivente do fim da glaciação, a cada ano ameaçado pelo aquecimento imposto pelo desenvolvimento global da presença humana. Arrogante, entre os verdes, o emblema do Parque Nacional Los Alerces brilha a Geleira Torrecillas, uma pérola inestimável sobre a paisagem da floresta andina da Patagônia e da selva Valdiviana, como um antigo guardião protetor.

Para más información y consultas
Secretaría de Turismo de Esquel
+54 2945 451927/453145/455652
infoturismo@esquel.gov.ar
www.esquel.tur.ar

CARVOARIA CLANDESTINA É DESATIVADA NA ILHA GRANDE, EM ANGRA DOS REIS

Por G1 Sul do Rio e Costa Verde
Fotos: Divulgação/Polícia Federal



Uma carvoaria clandestina foi desativada na tarde desta quarta-feira (22) em Angra dos Reis, na Costa Verde do Rio de Janeiro. Ela funcionava no alto da Ilha Grande, entre a Praia Vermelha e a Praia de Provetá.

De acordo com a Polícia Federal, os agentes encontraram na unidade de conservação dois fornos — que pareciam ter sido usados recentemente —, diversas árvores cortadas e uma estrutura em construção, que seria utilizada para armazenar as madeiras cortadas ilegalmente.



A pena para dano a unidade de conservação pode chegar a cinco anos de prisão, além de multa e ainda arcar com os custos da regeneração da vegetação afetada.

COVID-19: MEIO AMBIENTE PAGA A CONTA DA CULTURA DO DESCARTE

Equipamentos de Proteção Individual descartados incorretamente podem triplicar o acúmulo de plásticos nos oceanos em até 29 milhões de toneladas até o ano 2040

Por Jornal Extra Classe

A pandemia forçou um aumento brutal na produção de Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs) para profissionais da saúde e população em geral. Se os apelos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e governos forçaram a demanda para reduzir a disseminação da Covid-19, agora um efeito colateral passa a preocupar: o descarte do material pode causar um grande impacto ambiental.

Em entrevista para o Financial Times, Sian Sutherland, do A Plastic Planet, grupo sem fins lucrativos que busca conscientizar o mundo dos efeitos danosos do material ao meio ambiente, é categórico: "O EPI é a ponta de uma montanha de lixo plástico tóxico que estamos ignorando há anos".

A preocupação de Sutherland faz sentido. Grande parte dos EPIs de saúde usada no mundo é descartável e contém uma gama de plásticos diferentes. Vão de polipropileno e polietileno em máscaras faciais e aventais a nitrilo, vinil e látex em luvas.

No caso das máscaras, relatório da World Wide Fund for Nature (WWF) aponta que se apenas 1% forem descartadas incorretamente, cerca de 10 milhões acabarão no ambiente natural por mês, poluindo rios e oceanos.

Estudo publicado na quinta-feira, 23, é ainda mais alarmante. Relatório do SystemIQ, fundo de investimentos inglês focado em sustentabilidade, prevê que o acúmulo de plásticos nos oceanos pode triplicar em aproximadamente 29 milhões de toneladas ao ano até 2040 caso medidas fortes deixem de ser implementadas por governos e indústrias.

Foto: Operação Mar Limpo/



Mergulhador da ONG francesa Operação Mar Limpo, que identificou o fenômeno como "nova poluição"

Foto: OceanAsia.org



Expedição da ONG Ocean Asia nas ilhas Soko, na costa de Hong Kong, recolheu milhares de máscaras do mar

Cultura do Descarte

Até a década de 1980, quase todos os EPIs médicos eram reutilizáveis. Entre uma série de argumentos como praticidade e maior segurança para os profissionais da saúde, a indústria desses insumos encontrou um potencial para aumentar a sua lucratividade: produtos descartáveis, de uso único.

Se o chamado lixo hospitalar é incinerado, o mesmo não é garantido para os EPIs utilizados para a proteção de não profissionais. O que momentaneamente serve para evitar o contágio do novo coronavírus em um cidadão comum pode acabar descartado em lixeiras convencionais ou, pior, ao ar livre.

Marcelo Menna Barreto

QUESTÃO AMBIENTAL

COMITÊ REALIZA SUA PRIMEIRA OFICINA DE CAPACITAÇÃO APÓS APROVAÇÃO DO PLANO DE RECURSOS HÍDRICOS

Por João Eduardo Oliveira

A primeira oficina do Comitê de Bacia Hidrográfica da Baia da Ilha Grande (CBH-BIG), após a aprovação do Plano de Recursos Hídricos, foi realizada no dia 08 de julho. O tema foi "Comunicação e Educação Ambiental" e teve como objetivo capacitar e nivelar o conhecimento dos membros do comitê sobre o assunto. Silvania Gontijo, escritora, diretora de arte, educadora e pesquisadora além de Presidente da organização PLANETAPONTOCOM e diretora executiva da REVISTAPONTOCOM desde 2004, foi a palestrante, expondo sua experiência na área de comunicação, educação ambiental e Mídiaeducação.

Após a aprovação do Plano de Recursos Hídricos (PRH) o CBH-BIG busca agora a sua execução, e como primeiro passo realizou sua primeira oficina, com objetivo de iniciar a produção de Plano de Comunicação, o qual está previsto no PRH e vem sendo acompanhado pelo Grupo de Acompanhamento da implementação do Plano de Recursos Hídricos. O documento prevê ações, metas e finalidades no âmbito de comunicação e educação ambiental e se utiliza da oficina para dar todos os membros, uma base mínima de sustentação para produção de um Plano que faça sentido visto a realidade local e o que já vem sendo produzido em território nacional.

No âmbito da educação, a oficina focou na utilização de causas pertinentes aos jovens, de ensino fundamental e médio, incorporadas ao currículo necessário, levando assim ao maior engajamento dos alunos e integração dos professores, tanto na matéria inserida, quanto no projeto em si. As pesquisas realizadas pela palestrante Silvania durante a criação do seu método de trabalho, se mostram como parte chave do projeto. Isso porque buscou entender as causas as quais os alunos tinham interesse e quais os nós de aprendizado que os professores encontravam em suas disciplinas, aliando assim o projeto ao interesse de todas as partes envolvidas.

A oficina discutiu ainda as dificuldades encontradas ao se trabalhar educação no momento atual de pandemia, pois um dos pontos fortes do trabalho de educação ambiental é a criação de vínculos dos alunos com o ambiente por meio da visitação e atividades presenciais.

A oficina tem papel importante na formação de um Plano de comunicação bem estruturado, não só pelo conhecimento passado pelo palestrante, mas também pela criação de uma rede de contatos de profissionais, que já vem realizando trabalhos de grande relevância no âmbito escolar, levando a possíveis parcerias futuras.

TURISMO

TURISMO NA ILHA GRANDE SERÁ REABERTO A PARTIR DE 15 DE AGOSTO

Por Mateus Moreira, Eu Rio!

Fechada desde o dia 17 de março por causa da pandemia do novo coronavirus, o acesso dos turistas a Ilha Grande será reaberto a partir dia 15 de agosto. Pelo menos foi o que ficou decidido no último encontro entre representantes da Prefeitura de Angra dos Reis e do Trade Turístico do município.

Para a data prevista para reabertura, a taxa de ocupação dos leitos de hospitais do município referentes ao COVID -9 precisa estar em declínio. No momento, a taxa de ocupação é de 50%, estando assim na faixa amarela, e consequentemente, apto a reabertura. Angra dos Reis possui 3791 casos confirmados e 115 mortes pela COVID-19.

A reabertura será feita de maneira gradual e cuidadosa, de acordo com o presidente da TurisAngra, João Willy Seixas Peixoto:

-Tudo vai depender dos números relacionados à saúde do município. Neste período, vamos concluir o protocolo do turismo e divulgá-lo, criando vídeos que ajudem os meios turísticos quanto ao entendimento de como deverão lidar com a volta das atividades. De qualquer forma o retorno será efetuado de maneira cuidadosa. Num primeiro momento, não pensamos em já retornar com as excursões que têm a cidade como destino, mas com um turismo para quem vem visitar a cidade de carro. Os empreendimentos vão assinar um termo declarando que estão de acordo com o protocolo do setor no município, entendendo que a volta das atividades turísticas está sendo construída tanto pelo Trade quanto pela prefeitura - explicou.

ESQUEL: PAISAJES INMENSOS DESDE LA MIRADA DE LOS ARRIEROS DEL SUR

Coloridos cerros que estriban en la cordillera, conforman el marco escenográfico perfecto para las cabalgatas que desde una chacra ubicada en la entrada de Esquel, parten hacia el Valle Chico y Nahuel Pan. Se trata de excursiones familiares, en las que el contacto natural se impone sobre el frenético ritmo de la rutina.

Desde hace una década y media, una familia sostiene esta iniciativa en la Chacra Los Álamos, a siete kilómetros de Esquel, en la entrada a la ciudad sobre la Ruta 259. Arriban cada año cientos de visitantes, motivados por recomendaciones que se transmiten de boca en boca. El paraíso de diversidad de flora y fauna de esta zona de transición entre el bosque andino patagónico y la estepa, exulta ante el paso acompasado de los caballos.

No hay edad límite para estos paseos, sólo el deseo y las ganas de aventurarse a una manera distinta de conocer Esquel y alrededores. El caballo, animal compañero de la vida del hombre y la mujer de la región desde tiempos ancestrales, noble se entrega a servir de guía. El paisaje se vuelve cercano entre las conversaciones que se tejen a paso de caballo en los circuitos de una, dos horas, medio día, jornada completa. A la distancia, inmensa la cordillera se expande y con los colores de la mañana y de la tarde, cobra dimensiones inimaginables.



Tradução

ESQUEL: PAISAGENS IMENSAS DA VISTA DO ARRIEROS DO SUL

As colinas coloridas que estão nas montanhas compõem o cenário perfeito para passeios a cavalo que, de uma fazenda localizada na entrada de Esquel, partem para o Valle Chico e Nahuel Pan. São excursões em família, nas quais o contato natural é imposto sobre o ritmo agitado da rotina.



Durante uma década e meia, uma família apoiou essa iniciativa na Fazenda Los Álamos, a sete quilômetros de Esquel, na entrada da cidade na Rota 259. Centenas de visitantes chegam todos os anos, motivados por recomendações transmitidas pelo boca a boca. O paraíso da diversidade de flora e fauna dessa zona de transição entre a floresta andina da Patagônia e a estepe exulta antes do passo rítmico dos cavalos.

Não há limite de idade para esses passeios, apenas o desejo e, o desejo de se aventurar em uma maneira diferente de conhecer Esquel e seus arredores. O cavalo, companheiro animal da vida do homem e da mulher da região desde os tempos antigos, é dado nobre para servir de guia. A paisagem se aproxima entre as conversas tecidas a passo de cavalo em circuitos de uma, duas horas, meio dia e dia inteiro. Ao longe, a cordilheira se expande e, com as cores da manhã e da tarde, assume dimensões inimagináveis.



Para más información y consultas:
Secretaría de Turismo de Esquel
+54 2945 451927/453145/455652
infoturismo@esquel.gov.ar
www.esquel.tur.ar

O ECO JORNAL NA COMUNIDADE

CONTINUAMOS APOIANDO ÀS BOAS AÇÕES. SEMPRE FOI NOSSO OBJETIVO.

Estamos a caminho da reabertura esperada por todos.

Este caminho será lento conforme temos publicado, mas poderá ser promissor na qualidade do turismo, isto se tirarmos da pandemia uma lição. Esta lição inclui um melhor tratamento ao turista, uma motivação para que se sinta satisfeito em nos visitar, deforma a nós mesmos entender que ele é nosso produto especial, para a nossa sobrevivência.

Nosso passado ao estilo oportunista, deverá ser esquecido, e implantado um sistema de concorrência por qualidade e não por rivalidade como culturalmente é visível por aqui. Esta advertência se aplica a alguns segmentos.

Nas edições anteriores explicamos muito bem, nossos principais problemas que serviram de entraves ao bom turismo.

Uma pequena retrospectiva, traz o passado ao presente para poder comparar.

FILMES QUE VOCÊ DEVE VER PARA DEPOIS FALAR SOBRE A ILHA.

Estes filmes demonstram grande parte do que já fizemos na Ilha, hoje em decadência, mas um trabalho pouco compreendido por quem deveria compreender. A nossa força de trabalho em grupo já foi bem melhor, mais harmônica e mais produtiva. Vejam:

https://www.youtube.com/watch?v=hTUpeCTnGDE – projeto de reuso de material.

https://www.ilhagrande.com.br/agenda-de-eventos/natal-ecologico-da-ilha-grande-2015/

https://www.youtube.com/watch?v=djOAvqj_gAQ

https://www.youtube.com/watch?v=9MPiarLgSoo

https://www.ilhagrande.com.br/agenda-de-eventos/natal-ecologico-da-ilha-grande-2015/

https://www.youtube.com/watch?v=wy4BW3tOfQc

https://www.youtube.com/watch?v=9-yGUiGteMo

Histórico cultural da Ilha Grande :

https://www.youtube.com/watch?v=4TWMArYAoO8

https://www.youtube.com/watch?v=wy4BW3tOfQc

HISTORICO CULTURAL DE ILHA GRANDE português ou inglês:

https://www.youtube.com/watch?v=dp3N5Vyj3-4

Surgiram recentemente, inúmeros filmes paisagísticos que agradam ao turista pela magnitude da natureza, mas traídos por falta de conhecimento histórico de quem os construiu. Há afirmações, como exemplo de que o aqueduto, foi construído pelos escravos, de que o Lazareto foi leprosário e hospital. Divulga algo aparentemente interessante, mas não condizente com a história. Volta o turista mais uma vez enganado pela informação errada.

Repetindo, ontem e hoje: hoje nos satisfazemos com os "enlatados" que a Prefeitura nos apresenta e os engolimos sem fazer caretas ("goela de pato") e alguns ainda satisfeitos com o azedo fazendo "bom proveito". Ou repensaremos isso ou fracassaremos como cultura original, onde se tornará também o destino do turismo fracassado.

As pessoas que hoje habitam a ilha, em grande parte, pouco sabem, ou talvez nem lhes interessa saber, pois sua vinda por aqui foi simplesmente à procura de um lugar que lhe desse ganho fácil. Estas pessoas atingiram seu objetivo, mas estão destruindo a sustentabilidade, porque a ilha depende de ser preservada em seus costumes, tratar muito bem seu produto turístico, cujo protagonista é o próprio turista. É ele quem dirá aos outros: vai que o lugar é bom! Caso ele dê esta informação negativa, terão menos dez turistas, por cada turista que sair insatisfeito. Grande parte dos receptivos e guias, são muito insuficientes de capacitação e dela nem querem aprender. Expressivo número de guias nada sabe sobre a ilha. O bom turista é aquele que procura o guia, e o procura exatamente para obter informações seguras, especialmente sobre o geográfico e histórico cultural do local. O guia e o recepcionista devem saber pelo menos mais um idioma além do nosso, caso contrário será um fracasso e fará o turista voltar insatisfeito. "Não pague mico! Estude, faça um bom trabalho que garantirá um melhor emprego. Todo o bom profissional, o empresário procura. Aqui no jornal tem um bom curso de inglês à disposição, aproveite. No mundo globalizado, o valor profissional é proporcional ao número de idiomas que domina associado à capacidade técnica. Temos esperança que no pós pandemia haverá correções nesse comportamento medíocre, face a sentirem na pele o que significa um fracasso. O segmento náutico e em especial ao poder público que deveria ser os grandes interessados, porque do fluxo turístico e volume da ocupação dependem seus lucros e impostos. DEVEMOS REPENSAR A ILHA, ESTE LUGAR MERECE!

N. Palma

O NOVO NORMAL NA PERÍCIA JUDICIAL

Por Jarbas Barsanti *

O advento de novas tecnologias vem se tornando essencial em diversos setores do mercado de trabalho, permitindo o surgimento de novas profissões e diferentes formas de atuação de várias outras. Na perícia judicial não tem sido diferente e neste longo período de quarentena provocada pela pandemia do novo coronavírus, tais mudanças têm se acentuado e acelerado.

Com a maioria dos processos sendo digitalizados, a figura do perito nomeado nos cartórios não tem sido mais necessária. O acesso, análise, solicitações de documentos e juntada dos laudos já é feito remotamente. É o novo normal já se fazendo presente nesse setor tão relevante e tradicional. Um caminho sem volta que tende a implantar nova dinâmica e maior agilidade para este segmento.

Até mesmo as diligências e reuniões técnicas que ainda eram presenciais, passaram a ser realizadas via online, com fartas opções de plataformas digitais, tais como Hangout, Teams, Skype, Zoom, entre tantas outras. E até mesmo para os mais conservadores é impossível não perceber e concordar com o sensível ganho de tempo.

Com o home office forçado pelo isolamento social, essa nova realidade ficou ainda mais explícita. O que era uma tendência para todos os setores da economia passou a ser uma necessidade de boa parcela dos trabalhadores, o que significou para muitos, um novo mundo se abrindo, e melhor, com maior produtividade e eficiência.

Ao longo de 50 anos de experiência em perícia, com uma média de 20 processos/nomeações a cada mês, particularmente posso afirmar que tenho conseguido produzir mais do que eu poderia imaginar de forma remota e tecnológica. E tenho relatos de pares que, igualmente, concordam com a efetividade desse novo momento.

Os Tribunais em todo o Brasil vêm insistindo na relação não presencial. O próprio Conselho Nacional de Justiça (CNJ) já está regulando a perícia médica nos processos que envolvam benefícios previdenciários ou de prestação continuada com a "Teleperícia". É o vírus tecnológico rompendo com a barreira conservadora, estabelecendo uma nova era, na qual os processos eletrônicos e o trabalho remoto vão tomar um espaço definitivo no judiciário.

Neste novo normal, quem não se preparar e se adaptar aos formatos e ao novo que se avizinha, vai ficar para trás.

* Contador, Empresário e Presidente da Associação dos Peritos do Estado do RJ

PARA O ALTO E AVANTE

Por Marcos Espínola*

A pandemia está mudando o mundo e exigiu das pessoas e sociedades mudanças e readaptações do modo de agir que muito provavelmente não voltarão mais a ser como antes. Todos tiveram que exercitar nova visão sobre a maioria das coisas, como agir, como ver o seu semelhante, modelos de gestão, entre outros. E nesse exercício é possível identificar acertos e erros ou, simplesmente, novos procedimentos que podem trazer benefícios para a coletividade.

No Rio de Janeiro, segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), no primeiro mês da determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) que suspendeu as operações policiais em comunidades fluminenses durante a pandemia — permitidas apenas em casos excepcionais —, o Rio teve uma queda de 73% nas mortes cometidas por agentes de estado, que atingiram o menor patamar desde dezembro de 2015.

Especialistas divergem, pois uns apontam maior domínio e expansão do tráfico, por outro lado fica claro que a política de confronto, adotada há décadas, já deu o que tinha que dá. Como ressaltamos há anos, cada vez mais fica evidente que é preciso mudar o modus operandi, apostando na inteligência e estratégia.

Para combater a violência é preciso planejamento a médio e longo prazo, considerando o envolvimento de outras áreas sociais, como educação, saneamento, moradia etc. que precisam caminhar junto com a força de segurança.

Já se falou exaustivamente que o poderio que o narcotráfico alcançou não será combatido só com ações policiais. A criminalidade está entranhada nos variados setores da sociedade, com tentáculos por toda parte que precisam ser identificados e desfeitos de forma gradual e inteligente.

As mais de mil favelas do Rio, fora as inúmeras comunidades nas demais regiões do Estado, estão armadas até os dentes, respaldadas por braços do crime que facilitam a entrada de armas e drogas. Assim, barbarizam o cidadão e a sociedade como um todo. Não será só com tiro, porrada e bomba que resolveremos o problema. Na realidade, o enfrentamento ao crime organizado é um negócio bem mais complexo.

Em meio a total imprevisibilidade do que ainda vem pela frente até que a situação da saúde se normalize, quem sabe com a chegada da vacina contra o covid-19, precisamos observar e tirar lições. O Rio não pode continuar como está. Chegamos ao fundo do poço e se há uma vantagem nisso é a certeza de que só há um caminho a percorrer: plagiando o bordão do super herói "para o alto e avante".

* Advogado e Especialista em Segurança

ENCONTRO ENTRE AS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE DO ABRAÃO

Por Erica Mota

Convidados pela equipe do PEA (Projeto de Educação Ambiental) do Abraão, AMA (Associação de Moradores do Abraão), ATNA (Associação de Transportes Náuticos do Abraão), Brigada Mirim Ecológica e o coletivo Educação Solidária, organizações da Vila do Abraão que estão fazendo campanha de solidariedade alimentícia para as pessoas que estão passando por dificuldades devido a pandemia do Covid-19, fizeram uma reunião, em junho, para compartilhar as experiências sobre o tema, assim como para avaliar dificuldades e vislumbrar possibilidades de cooperação mútua.

A Brigada Mirim, até a data do encontro, angariou e distribuiu cerca de 600 cestas, inclusive em comunidades de difícil acesso como Parnaioca, Aventureiro e Provetá. Tem previsões seguras para continuar recebendo nos próximos meses.

A AMA, em diálogo com ações promovidas pelos moradores Rodrigo, Neto e Bida, e em diálogo com a Brigada Mirim e com o coletivo Educação Solidária, foi responsável pela distribuição de 33 cestas arrecadadas por profissionais da educação da EM Brigadeiro Nóbrega e CE Brigadeiro Nóbrega com o objetivo de priorizar as famílias dos estudantes diagnosticados como mais vulneráveis.

O coletivo Educação Solidária levantou questões para a reflexão do grupo como: - cuidar da heterogeneidade da comunidade e do conceito de vulnerável e a falta de resposta do poder público diante da gravidade da situação, inclusive na comunicação. Apesar do foco do coletivo ser questões ligadas diretamente a educação, a campanha foi uma necessidade surgindo dentro do próprio coletivo. Para tentar superar o desafio dos critérios, foi elaborado pelo coletivo um formulário online de inscrição, que tem servido também como orientação no que diz respeito à proteção contra a contração do vírus. Pelo cadastro, foi verificado outros problemas, como corte no fornecimento de luz e necessidade de itens de higiene, inclusive para bebês. A iniciativa já atendeu moradores das Comunidades do Saco do Céu e Palmas, além do Abraão, e ainda há famílias na fila de espera. Foi compartilhado é sugerida uma ação educativa.

Recentemente, o Coletivo Educação Solidária ganhou 17 cestas Agroecológicas diretamente do quilombo do Bracuí e fazemos a distribuição em parceria com a AMA para os que estavam em nossa lista de espera para as cestas básicas.



ATNA, que conseguiu doações para famílias e associados no Abraão, Saco do Céu, Matariz e Palmas, trouxe preocupação no que se refere a conscientização para a prevenção da contração do vírus, inclusive sobre o uso correto das máscaras. Foi feito solicitação oficial de uma visita da equipe do CRAS da prefeitura ao Abraão através da Secretaria de Turismo.

Vale ainda lembrar, que os responsáveis pelo aplicativo ENCONTRE, de Angra, fizeram a doação de 100 máscaras para as pessoas da Ilha.

Estamos todos preocupados que esse período difícil se prolongue, nesse sentido, captação de recursos deve continuar. Para tentar atender a todos de uma forma mais integrada, a planilha foi compartilhada e foi criado um grupo de WhatsApp com os envolvidos numa tentativa de agilizar a comunicação.

Por mais que ainda estejamos cada uma das instituições atuando em uma frente, o desejo é que de alguma forma consigamos unir esforços para ajudar todas as famílias que precisam.

As campanhas continuam. Nesse sentido, algumas dessas iniciativas estão no Mapeamento das Redes de Solidariedade na Bahia da Ilha Grande, feito pela UFF (http://gebig.org/noticias/redes-de-solidariedade-na-baia-da-ilha-grande-em-tempo-de-pandemiaa/) e no site OndeTem Solidariedade (https://ondetemsolidariedade.com).Além disso, deixamos indicados os contato das iniciativas no Abraão, para doações ou solicitações:

ATNA (Leo): 24 99833-0220
AMA (Lucas): 24 99855-8153
Educação Solidária:
educacaosolidaria@gmail.com
Brigada Mirim Ecológica:
contato@brigadamirim.org.br

Sejamos solidários, sempre!

O CONFLITO DO COVID

Por Enepê

O coronavírus, continua um "babilon", ninguém entende nada. A única coisa visível é a disputa entre poderes constituídos, para mostrar o seu caminho como melhor. Entre os médicos na internet, as opiniões estão sempre em rota de colisão: aprova cloroquina, desaprova cloroquina, abre o comercio, fecha o comercio, disputa pela vacina, especialmente no campo da grana. No campo da internet, possível fake new, já se espalhou que não é um vírus mas sim um bactéria. Imagine caro leitor, da forma como o nosso povo é fofoqueiro e cheio de opiniões próprias, troca tudo por uma boa piada, o desfecho será um liquidificador cheio, produzindo em seu liquefeito um humor infinito. Entre medo, insatisfação, humor e horrores na internet, o povo navega à deriva, mas com a convicção que é ele quem sabe e ali na frente estará no manso lago azul desejado. Dialogam em forma de monólogo, pois não lhe interessa o que o outro tem a dizer. No diálogo, dá até para pensar que pertencem a um ramo de narcisismo, pois o narcisista não necessita de ninguém, ele já em ele mesmo.

Este babylon é de gente séria, gente desonesta, gente que torna a covid 19 em grande comércio, outros a oportunidade de se eleger em 2022, enfim o babylon congrega tudo. A única coisa certa no babylon é que está dando um trabalho sem limites à Polícia Federal, para saber quem roubou mais.

– Vergonha Brasil em ascensão.

O lamentável, além de tudo vejo que após a pandemia, continuará como sempre foi, nada vai mudar, não colhemos nada produtivo, nem se quer uma lição de vida, uma retrospectiva no que fizemos, uma reflexão nada será diferente do passado, será sempre regado a "torresmo e cachaça"' Tô torcendo para estar enganado.

Mas vou apresentar um texto diferente e

Extraído de Folha de São Paulo

O valor da ciência

É essencial refletir sobre a importância da pesquisa científica em nossos dias

Marcelo Viana
Diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D., do Institut de France.

"O pensamento é um mero relâmpago no meio de uma longa noite, mas esse relâmpago é tudo", escreveu Henri Poincaré no livro "O Valor da Ciência", publicado em 1905. Nesta quarta, 8 de julho, é o Dia Nacional da Ciência e do Pesquisador, e importa refletirmos sobre a importância da pesquisa científica em nossos dias. Esta coluna integra a campanha #CientistaTrabalhando, que celebra a ciência ao longo do mês em espaços de opinião.

Desde sempre, a humanidade se questionou sobre o mundo à sua volta e sua posição nele. As primeiras respostas vieram dos mitos. Os sumérios, que inauguraram a história, acreditavam que a deusa Nammu, o oceano primordial, criou An, o céu, e Ki, a terra. Da união destes nasceu Enlil, o ar, que criou Nanna, a lua, a qual por sua vez gerou os humanos e os animais para que a servissem.

Todas as culturas humanas desenvolveram cosmologias sobrenaturais, com explicações claras para nossa existência e, sem dúvida, conforto necessário face às tragédias a que estamos sujeitos. Mas não explicam como mudar nossa relação com o que nos rodeia, para evitar tais tragédias.

Quando, durante a famosa viagem no navio Beagle, de 1831 a 1836, o naturalista britânico Charles Darwin confrontou a notável riqueza da natureza e surpreendentes semelhanças e diferenças entre espécies vivas e vestígios fósseis, não buscou explicação na imperscrutável criatividade da deusa Nanna. Apelou para a observação dos fatos, e sua explicação por meios acessíveis à mente humana.

Algumas de suas propostas eram especulativas na época e só viriam a ser justificadas pelos avanços da genética, culminando em 1953 com a descoberta da dupla hélice do DNA por Crick, Watson, Franklin,

Gosling e outros cientistas. Esses avanços foram determinantes para gerar o extraordinário poder da medicina atual no combate a inúmeras doenças. Sem eles, estaríamos indefesos face a Covid-19 e a tantos outros problemas que ainda assolam a humanidade.

Nem sempre é fácil apreciar o valor do conhecimento científico, pois a ciência não gera certezas absolutas e imutáveis: ela oferece "apenas" a melhor verdade disponível, passível de ser confirmada ou invalidada por novas observações. É da própria natureza da ciência se expor à permanente verificação de suas conclusões e nisso reside o seu poder para gerar progresso.

Apesar disso, a ciência e os cientistas incomodam, sempre que a verdade é incômoda. Ao mesmo tempo, a importância da ciência e da pesquisa científica nunca foi tão evidente como nos dias que vivemos, em que a humanidade é confrontada com uma calamidade sanitária global, com um vírus letal que não vai embora só porque alguém poderoso mandou. Como também escreveu Poincaré, "a busca da verdade deve ser o objetivo de nossa atividade, o único digno dela".

CORONAVÍRUS: MUITOS ERROS, NENHUM ACERTO, E O PAROXISMO DA ESTUPIDEZ

Por Carlos A.M. Gottschall

Durante uma epidemia de peste na Itália, em 1629, que à época era o lugar da mais avançada medicina do mundo, eram recomendadas, para afastar os maus espíritos, preces, confissões, promessas, penitências, sangrias, cristais de arsênico nos pulsos e têmporas, saquinhos de pedras preciosas sobre o coração, unguentos a partir de excrementos de animais com mostarda, pó de vidro, terebentina e cebola.

Ou então cauterização de bubões com ouro ou ferro incandescente — após cobri-los com folhas de repolho e cortá-los, o sangue era sugado por três sanguessugas, e a incisão era posteriormente tapada com pombo esquartejado ou galo depenado.

Transpondo no tempo, relativizando e levando em conta todas os progressos sociais e tecnológicos adquiridos dessa época até hoje, parece que não mudou muita coisa quando a humanidade enfrenta um evento para o qual não tem resposta pelo método científico.

A verdade é que, na atual pandemia, as populações, aterrorizadas por inconsistentes chavões repetidos por uma mídia avassaladora, a maioria por puro palpite e interesse – e explicitamente desvinculada de orientação científica e profissional competente, isenta e pragmática —, submetem-se a uma ditadura de condutas em que os que menos são ouvidos são os conhecedores da matéria.

Assim como todos são técnicos de futebol, agora todos palpitam sobre como melhor combater o coronavírus, principalmente quem menos entende do assunto: midiáticos, políticos, juízes.

Além de falarem sandices, sempre com muita segurança e desenvoltura, ainda propõem bizarras punições por supostas infrações a regras inúteis ou prejudiciais (mais sobre isso abaixo).

A divulgação de notícias não obedece a outro critério que não seja o bombardeio com números absolutos: não há grupo de controle, não há comparação com outras doenças, não há determinação de comorbidades, as estatísticas são cheias de vieses, confundem positividade com doença ativa, e ainda fazem as pessoas pensarem que só esse vírus mata, desconsiderando milhares de outras causas mais frequentes.

Até mesmo a divulgação da taxa de mortes por milhão de habitantes, que seria um tanto mais honesta, é suprimida por motivos ideológicos.

Nunca houve na história da humanidade um histerismo tão focado em um único fato. Desconsideram as piores consequências das medidas que tomam, como a criminosa destruição da economia e seus subprodutos: desemprego, desespero, miséria, depressão, fome, suicídio, neuroses em crianças e adultos, soltura de bandidos perigosos, infartos crescentes, atropelamentos, assaltos, violência doméstica, brigas de vizinhos, intensificação de fumo, álcool, drogas e mais, todas conhecidas condições alavancadoras de óbitos (confira fatos e dados médicos aqui).

Se forem computadas mortes por esses desfechos sobre a população, certamente superarão aquelas causadas pelo vírus.

Mas como tais efeitos são ofuscados pelo espetáculo televisivo, para a grande mídia e políticos oportunistas não interessa computar.

A verdade sobre vírus

Eis o que, aparentemente, todos se recusam a aceitar. Há apenas duas maneiras de se derrotar um vírus: imunidade natural e vacinas.

E só.

Destruir empresas e empregos, obrigar todo mundo a ficar trancado em casa, e proibir as pessoas de se aproximarem nunca foi cura para vírus em nenhum lugar e em nenhum momento da história do mundo.

Para todos os vírus que atacam humanos, nossas únicas defesas são a prevenção e o nosso próprio sistema imunológico.

Um vírus não é um miasma, uma sarna, um piolho. Não há como fazer uma "guerra nacional" contra um vírus. Vírus desconsideram fronteiras, decretos, éditos, ordens políticas e, principalmente, diplomas de "especialistas".

Um novo nível de compreensão sobre os vírus foi observado na década de 1950 e codificado na década de 1970 (eis um ótimo livro sobre o assunto para leigos). Para a grande maioria dos vírus, nem todas as pessoas precisam ser infectadas para se tornarem imunes, e nem todas precisam de uma vacina caso ela seja descoberta. A imunidade é alcançada quando uma determinada porcentagem da população já contraiu alguma forma do vírus, com ou sem sintomas. E então o vírus efetivamente morre.

A aceitação deste fato possui implicações importantes, pois significa que a fatia vulnerável da população pode se isolar durante os dias ativos do vírus, e então voltar à vida normal tão logo a "imunidade de rebanho" tenha sido alcançada por meio da infecção de uma fatia da população não-vulnerável.

É por isso que, historicamente, o conselho médico para os idosos sempre foi o de evitar aglomerações em épocas de gripe (inverno). E é também por isso que grupos não-vulneráveis se infectarem e se curarem sempre foi algo positivo.

Entendido isso, vale enfatizar que o curso de toda epidemia depende de três condicionantes:

1) adaptação do agente infeccioso a vários locais e climas;

2) suscetibilidade individual e resistência imunológica;

3) medidas preventivas e terapêuticas adequadas.

A verdade é que, na atual pandemia, as três condições são pouco conhecidas, por falta de experiência prévia, já que se trata de um novo agente. Porém, levando-se em conta aspectos gerais de outros surtos epidêmicos, é certo que algumas condutas não apenas não se justificam, como, pior ainda, prejudicam.

Nenhuma das medidas que têm sido aplicadas possui qualquer respaldo científico. Nunca foram comparadas com outras. Representam puro palpite e deixam impunes os autores ao destruir a vida de milhões de pessoas. Ninguém é responsabilizado. Não há nenhum estudo acadêmico comprovando irrefutavelmente que o lockdown é a maneira mais garantida de se combater uma epidemia. A única tentativa apresentada foi um modelo epidemiológico completamente fraudulento criado por Neil Ferguson, do Imperial College de Londres, que previu que 2,2 milhões de americanos morreriam a menos que o governo decretasse imediatamente a quarentena de toda a população (sendo que o próprio Ferguson caiu em desgraça e renunciou).

Na prática, era um modelo muito mais matemático que biológico. E, para completar, a instituição possui vinte anos de histórico pavoroso, e suas previsões sempre se revelaram astronomicamente erradas. A própria imprensa britânica não se cansa de ridicularizá-los.

Ou seja, os governos embarcaram em um grande experimento de controle social baseados em teorias não-comprovadas e utilizando métodos não-testados.

E, como já apontado, após quatro meses de pandemia mundial, já há evidências concretas de que o lockdown não altera o número de mortos per capita. Estatísticos não conseguem encontrar nenhuma diferença de excesso de mortalidade entre os países que se trancaram e os que não.

A política de saúde, portanto, começou errada e continua errada, prolongando o surto e, pior, suas mais maléficas consequências, citadas acima.

Eis alguns desastres.

Confinamento

Levando-se em conta a sazonalidade, exageraram num isolamento social em pleno verão, quando o contágio era mínimo, exauriram a paciência da população, que, agora no inverno, quando poderia ser mais

necessário, põe em dúvida essa medida.

Absurdamente obrigaram as pessoas a confinarem-se em apartamentos pequenos, mal ventilados, sombrios, enquanto os parques e praças ensolarados, melhor local para combater o vírus, eram fechados, sem nenhuma explicação razoável, simplesmente porque não há explicação razoável para isso.

Exageraram, com desavergonhado espírito de imitação, em medidas idênticas às tomadas no norte da Itália, em uma realidade climática e social diferente da nossa. Se é preciso manter um distanciamento social devido ao contágio, que limitassem razoavelmente a presença nesses locais, com conveniente afastamento.

Quase proíbem de andar nas ruas, mas permitem que passageiros se aglomerem, encostando-se em ônibus superlotados, porque a frota é insuficiente para a demanda. Nesse caso, curiosamente, não há controle de entrada.

Máscaras

O grande engodo. Viraram estereótipo universal, com sua ausência sendo punida como invocação do diabo na Idade Média, verdade única inapelável.

Leigos convertidos consideram prepotente quem não as usa na rua.

Entretanto, essa consideração decorre de ignorância. O certo é que máscara só serve para evitar perdigotos, mas nem o mais eficiente perdigoteiro os emite a mais de metro. Então não têm serventia fora de aglomerações intensas.

Lavar as mãos, manter distância conveniente, evitar contato físico suspeito é muito mais eficiente.

Máscaras não protegem contra o vírus, como a grade mídia apregoa e, ao contrário, se a atmosfera contiver vírus, eles se concentram ao redor da boca. Para piorar, máscaras prejudicam a respiração, pois o ar expirado, rico em dióxido de carbono, é re-inalado, o que aumenta a acidificação do sangue e favorece o vírus.

Correr de máscara, então, é um absurdo fisiológico: mais gás carbônico é absorvido em um momento em que o organismo precisa de mais oxigênio.

Como a máscara só serve para evitar perdigoto até um metro de distância, é triste ver incautos caminhando mascarados numa rua deserta ou a usando sozinho dentro de um automóvel. É um atentado à saúde pública e ao bom senso.

Como a ignorância grassa, talvez os ferrenhos doutos que obrigam a usá-las não saibam disso. Se souberem, é má intenção para fingir que estão tomando providências.

Achatamento da curva

Toda epidemia tem início, pico e fim. É a inexorável história natural.

Como já dito acima, uma epidemia não cessa enquanto a maioria da população não se imuniza naturalmente ou por meio de vacina.

Como não há vacina para o novo coronavírus, a epidemia não cessará enquanto o contingente populacional necessário não adquirir imunidade.

Logo, tentar forçar um antecipado "achatamento da curva" só consegue de fato alcançar dois propósitos:

a) proteger o sistema de saúde estatal, sucateado e depredado, deixando mais tranquilos os políticos, que sempre estão pedindo "mais tempo" para aparelhar os hospitais, e que utilizam sua própria incompetência administrativa como desculpa para prolongar a quarentena (quando foi que você ouviu dizer que o SUS não estava perto da capacidade máxima?);

e, pior,

b) prolongar a agonia da população com uma epidemia que não passa.

Acreditam que é possível fugir da realidade de uma pandemia sem vítimas.

A previsão do tal "achatamento da curva" só empurra a pandemia para a frente e é isto que está acontecendo. A OMS, além de comprometida com a China — pois escondeu a divulgação da doença, permitindo que milhões de chineses invadissem os Estados Unidos e a Europa —, com toda a sua tranquila incompetência agora anuncia a tragédia já prevista, a segunda onda, resultado de medidas mal conduzidas.

Já passou da hora de descartar esses ilusionistas a serviço da destruição do Ocidente.

Agressão a direitos humanos

As pessoas perderam o direito à autonomia, viraram robôs conduzidos pela vontade de políticos de segunda e terceira categoria que só visam a benefícios eleitorais, eficazes na prepotência de proibir, mandar, obrigar, punir, multar.

As medidas discricionárias e autoritárias que estão tomando significam perigoso controle social caso não haja alguma contra-reação.

A desculpa de sempre é "proteger a saúde do povo". Uma clara mentira, pois, como visto, as medidas tomadas não têm a menor comprovação científica e muitos dos mais expressivos imunologistas e epidemiologistas, até prêmios Nobel, que não são ouvidos, as condenam definitivamente. Um acinte.

Inacreditavelmente, há prefeituras, como a de Porto Alegre, que anunciaram multas a pessoas com mais de sessenta anos que forem flagradas cometendo o "crime" de estarem andando na rua. Essa grotesca estultice, além de claramente inconstitucional e monstruosa, atenta contra o mais básico direito de liberdade do ser humano. Além de ignorante sobre fator de risco, não sabe ser o fator biológico o que fragiliza a pessoa e não a idade saudável.

Ainda mais contraditório: essas mesmas autoridades que proíbem, com penas legais previstas, discriminar por raça, sexo, religião e política, não veem problema nenhum em discriminar por idade. Para eles, isso não só é permitido como também virou compulsório.

O prefeito deveria saber que nenhum decreto municipal, a que título for, pode retirar direito constitucional. Dizem proteger os velhos, mas apenas os estigmatizam. Se o objetivo fosse proteger por grupo de risco, então deveriam identificar e proibir a circulação de hipertensos, diabéticos, sedentários, enfisematosos, fumantes, bronquíticos, cardiopatas e outros com maior risco do que a idade (mas, por favor, não vamos dar ideias…).

Quase todos os velhos que pegam coronavírus são os muito idosos, incapacitados, amontoados em asilos, isolados, como todos dizem que deve ser; e não os que caminham na rua. (Curiosidade: no estado de Nova York, 88% dos hospitalizados com Covid-19 estavam cumprindo a quarentena horizontal: 66% em casa e 22% em asilos e casas de repouso).

Com efeito, a maioria das pessoas no comando de grandes empresas, nos postos mais altos do governo, nos ministérios, no parlamento, no judiciário, nas universidades encontra-se na faixa etária considerada "de risco", até o presidente da república. Como a lei é igual para todos, deveriam ir para casa. Terão coragem de multar o desembargador de 65 anos, o deputado de 70, o empresário de 75, o

coronal de 61, o médico de 80?

A pergunta é claramente retórica, pois receberiam um processo por assédio moral, constrangimento ilegal e abuso de autoridade.

Custo social

Desvirtuando a história natural de uma epidemia – para se blindarem da malversação gerencial de recursos —, querem evitar o inevitável, fazendo a imensa maioria da população desassistida pagar uma conta que não contraiu.

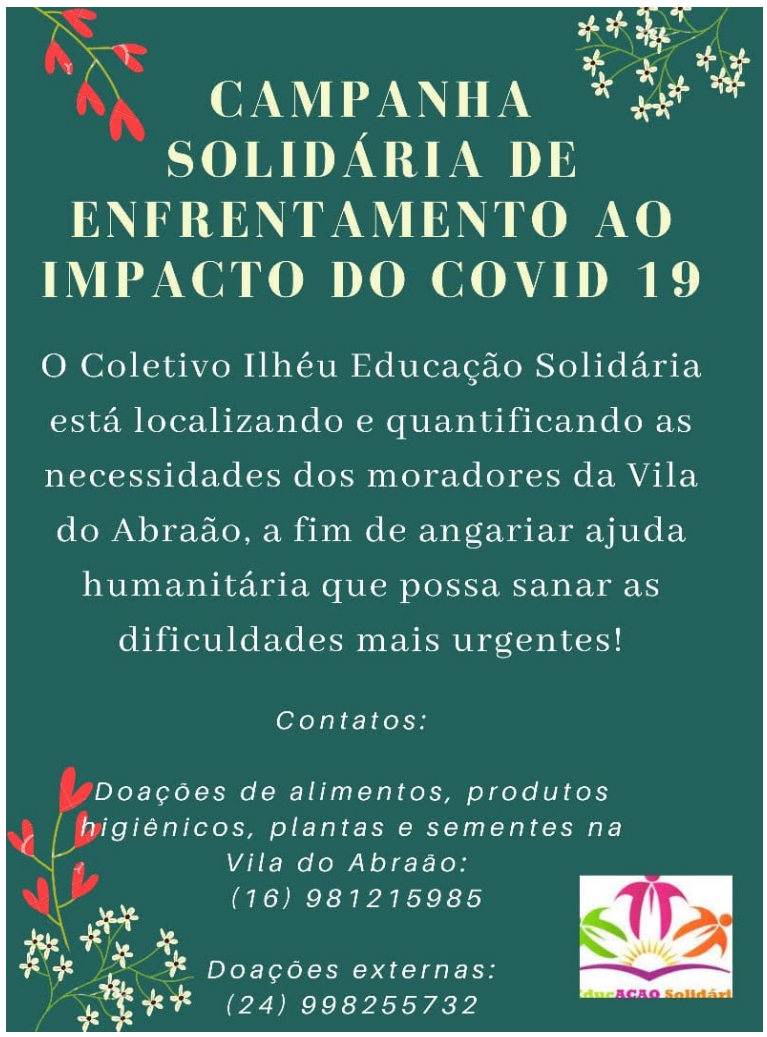
Empresas falidas, desemprego e desesperança geram outros males, como vimos, e provocam mais mortes. Funcionários públicos que estão em casa em férias remuneradas (não é culpa deles) não sentem o problema da imensa maioria de ambulantes, diaristas, ocasionais, particulares, informais, empregados que vivem do dia a dia e que agora ficaram sem renda em decorrência do desligamento compulsório da economia ordenado por prefeitos e governadores.

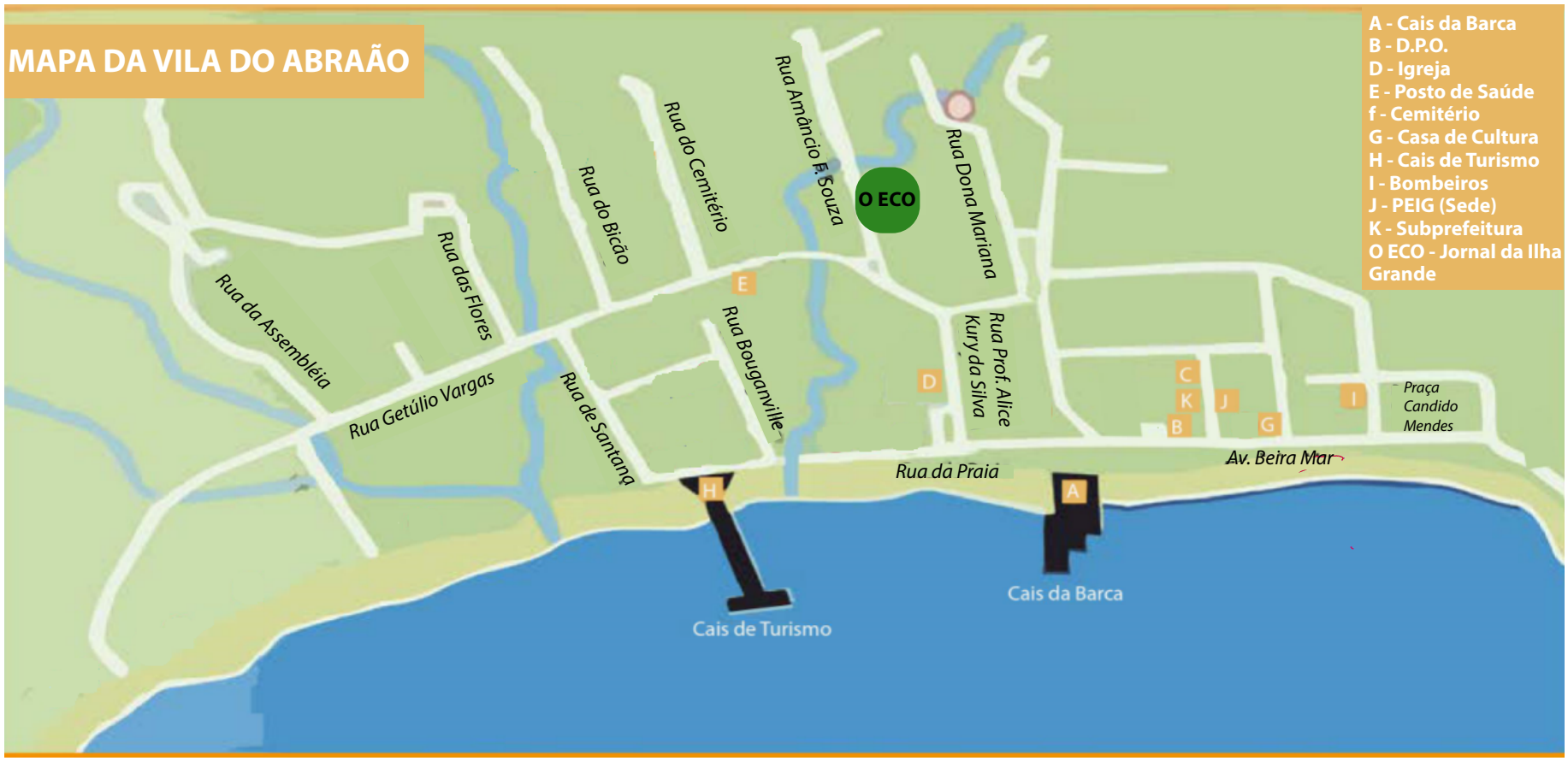
Não é justo amarrar essas pessoas em diretrizes experimentais, como são a quase totalidade das medidas tomadas contra a pandemia. Bastaria controlar efetivamente a frequência em locais mais procurados — shoppings, bares, restaurantes, lojas — com um suficiente afastamento, sem matar as pessoas de fome.

Tantos despropósitos praticados por governantes despreparados causam mais malefício social do que o próprio vírus, que é algo grave e que precisa ser combatido, mas com competência e com inteligência.

É claro que, quando ficarem demonstrados todos os equívocos de conduta, para a época atual comparáveis ao tratamento da peste em 1629, talvez, no máximo, pedirão algumas desculpas e dirão que não avaliaram bem as circunstâncias. Mas será impossível consertar todo o estrago feito.

A população, obediente e crente, ficará com as máscaras nas mãos.





A MONTANHA NOS FAZ PENSAR

Por Ricardo Yabrudi

Vocês me fazem pensar quando dizem qualquer coisa. Alguém falou da morte, tive um pesadelo e não parei de pensar. Penso! Penso! Logo existo. Estou com dor de cabeça. Por que nos preocupamos com tanta coisa? O mundo está com fome. Me preocupo. A doença ronda. As notícias são como fogo sem aceiro – ela se espalha ferozmente. Falamos de tudo com os outros. Nós os incomodamos porque os fazemos pensar. Dizem que a filosofia é a culpada. Ela responde: - isto também pode ser assim, é assim, assado, cozido, refogado, por isso a filosofia, como a culinária, é tão rica. Se subirmos uma montanha, os caminhos naturais poderão ser diversos. Nem sempre o mais curto é o mais bonito. As flores podem estar escondidas atrás de uma pedra. A melhor vista pode não ser a de cima, no topo, contemplando o horizonte, mas de baixo, antes da subida, quando vemos o monstro montês, o gigante de pedra com a idade avançada, mas não cansado para se elevar mais. A pedra sim, me faz pensar. Pensar que um dia ela vai estar aqui no mundo e nós não. Enquanto pensamos na morte e que ela nos levará, a montanha preserva a sua forma mineral de maneira milenar. A natureza nos emudece, só restam os olhares. A montanha não conversa, não usa o diálogo socrático, a maiêutica, apenas dita, impõe sua beleza. A nossa boca se abre apenas num embasbacar. Nosso olhar é para o alto, vendo o topo onde queremos alcançar, como o desejo da maior vitória; os nossos futuros feitos.

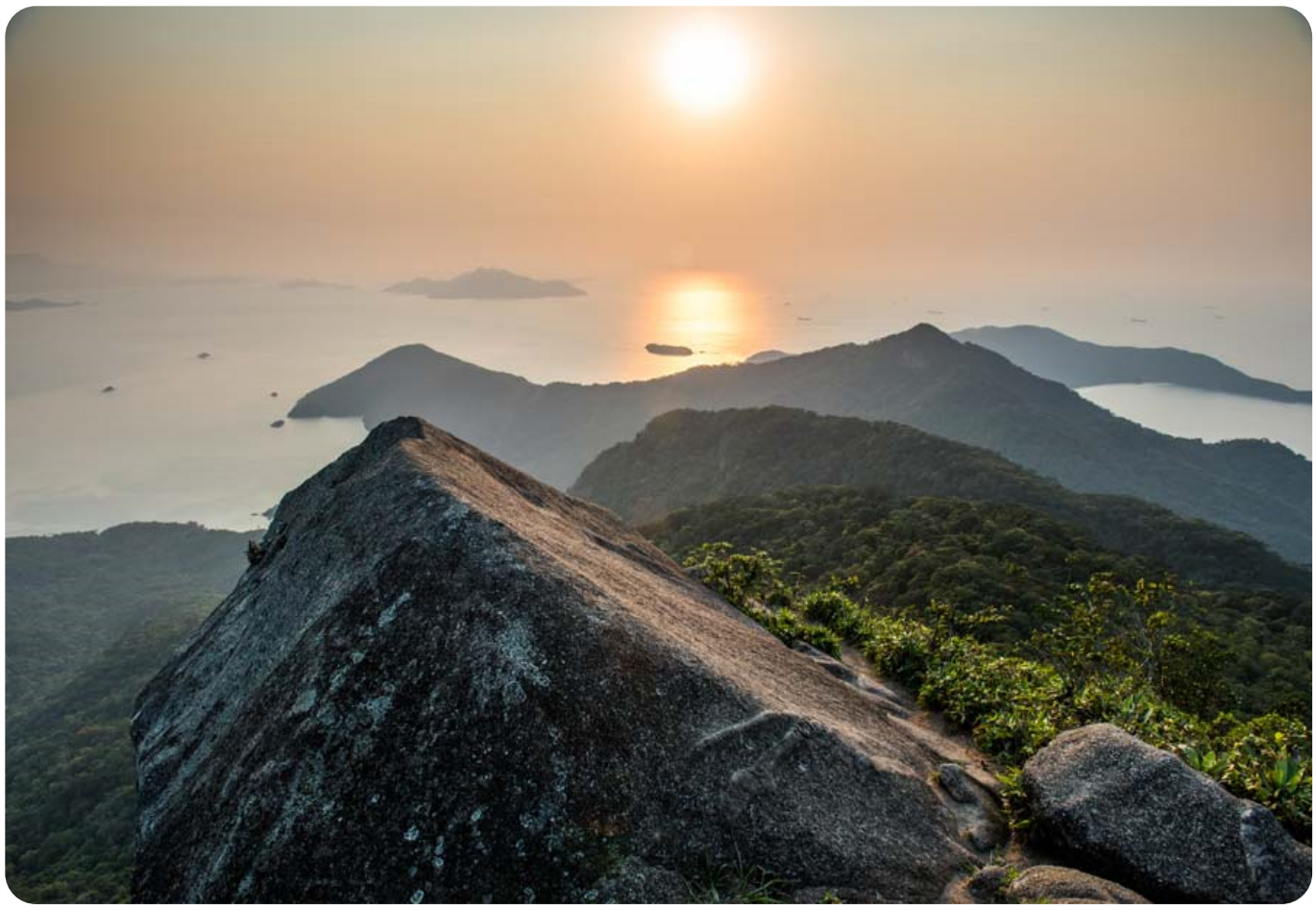


Foto: Passagem Aérea.com.br

Um homem chega ao cume, volta se gabando que venceu a montanha; ministra palestras. Ele é um vitorioso porque fala que a venceu, como se houvesse uma competição entre ele e ela. Ela não conhece auditórios, nem conferências. A sua foto no cume está agora postada nas redes sociais, é um vislumbre, seus braços estão abertos como quem diz: - "consegui vencer a montanha, eu a conquistei". O gesto de seus braços abertos na imagem fotográfica é como alguém que pede um abraço da digna pedra. Ela se recusa inerte, solerte, no seu estado de euforia pétrea. O homem desce do pico sem o abraço montanhês. Lá é inóspito e gelado, não se cosegue viver lá por muito tempo, são os ares próprios da montanha que só ela suporta; se agrada do frio que branqueia seu topo em neve. A nevasca se aproximou, por isso o homem desceu. A montanha sorri, diz: - já vai tão cedo? Fique mais um pouco. Depois pergunta sobre seu heroísmo: - se você se diz vitorioso por ficar aqui apenas um dia nos ares gelados sem suficiente oxigênio, então, qual é a minha vitória? Ainda bem que sou muda para os humanos, com minha mudez os faço pensar.

A montanha é a melhor companhia porque nos faz contemplar. A sua vitória é diferente da nossa, ela é muda, calada, escondida. Lá, no entanto, existe uma caverna, um refúgio, onde se abrigou Zaratustra. A gruta nos convida a participar de sua mudez. Lá estaremos a sós com nossos pensamentos!

Pitosto Fighe



O IMBROGLIO BRASILEIRO

Até quando o Brasil suportará o bafafá do imbróglio criado pela luta entre os Poderes? O Judiciário (entenda-se o Supremo), legisla, julga, defende, acusa, bloqueia o executivo em todas as formas possíveis. O Legislativo, legisla e determina o que o executivo deve ou não fazer, além de alguns membros enfrentarem o judiciário sem nenhum limite ético e, o Executivo bate de frente com os dois. Seria a ingerência sinônimo de harmonia? Seria esta ingerência uma forma do tema popular, "farinha pouca, meu pirão primeiro"? Primeiro meus interesses, depois dos meus asseclas que votaram a meu favor e possivelmente se sobrar, para o Brasil. Filosofia das trevas, não é?

Não haverá pais que suporte isso. Este fato já se arrasta por muitas gestões e o povo cansou-se. Nosso povo sempre foi tido como povo pacífico, alegre, miscigenado naturalmente e cujos preconceitos eram fatos isolados. Hoje cansado de seus governos, tornou-se caudal, tende à agressão, ao preconceito, à indiferença pelo amanhã e pelo saber, basta-lhe quatro paredes, um computador e internet, para se sentir sábio e poderoso. Tudo o que me refiro aqui é fruto dos maus governos, das gestões desonestas em qualquer instancia, da criação de leis para proteção que desprotegem, pela facilidade que oferecem em burlá-las. Muitas leis dependem só do humor do juiz para dar a sentença a favor ou contra a razão, pelo qual ninguém confia na justiça. Enfim, "que país é este"? Precisamos de paz!

O que ainda não destruído no povo brasileiro, é a solidariedade. Por conta da pandemia, observou-se, como o povo com esforço se ajudar entre si.

Temos a pandemia como termômetro, para medir o quanto mudaremos. Não acredito que mude nada, pois em vez de tirarmos dela um ensinamento para mudanças, para nossa reflexão, para entender erros e acertos, aparentemente não é o que se vê, noto sim que a grande maça está ansiosa para que tuto isso acabe, mas vislumbrando o retorno do "oba oba" que sempre existiu. "Botequim, torresmo com cachaça, em comemoração ao 'deus da sexta feira', amanhã será outro dia, não importando se melhor ou pior. Tudo é feito em nome da liberdade promiscua que os governos criaram nos últimos tempos, como "lúdico da alegria triste" e detonaram uma geração. Os governos deveriam criar através de instrumentos que eduquem, criem autoestima, criem comportamentos dentro de regras essenciais à humanidade, mas ao contrário, parecem nos levar do final do império romano ou ao "tribal, que é um estágio primitivo da evolução do ser humano, para etnias se protegerem como grupo". Progresso retrógrado! Não lhes interessa a história.

A continuar como está, seremos em curto prazo uma republiqueta em que teremos vergonha de viver nela.

Caro leitor se você tiver outra visão e melhor que esta, irei aplaudir e defender sua ideia. Não gosto do que escrevi, mas a dificuldade de opção me levou a este pensamento.



Pedidos pelo whatsApp (24) 99958-1446

Entregas e take away de terça a domingo, das 19h às 22h, vila do Abrão, Ilha Grande!



MEMORIAIS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

"Caro leitor, nós temos um compromisso com nossa imigração, nossa história e nossas marcas deixadas, razão de termos esta página dedicada à cultura italiana, que poderá não ser de seu interesse, portanto nossas desculpas". Mas se quiser nos acompanhar será bem-vindo!

MEMORIAL DOS PALMA



" Como de conhecimento nas edições passadas, sempre mantemos páginas para publicações de interessados em falar sobre a imigração italiana no Brasil, com suas dificuldades e glórias. Mande sua matéria, nós a publicaremos e estará nos ajudando em nossa jornada dedicada a cultura da imigração italiana".

NESTA CASA NOS CRIAMOS E NOS EDUCAMOS, POR ISSO SEU VALOR EMOCIONAL E IMENSURÁVEL.

ALI ESTÁ O NINHO DA LEMBRANÇA DOS BONS MOMENTOS QUE CHAMAMOS DE SAUDADE!

(VISITE NOSSO SITE: memorialdospalma.com.br), se possível comente. Ou, mais simples, procure por Memorial dos Palma na internet e clik em imagens. Assim você terá uma ideia melhor do que somos e como somos. Você estará nos ajudando manter viva nossa cultura imigratória. É um "upgrade" à nossa perseverança nesta empreitada. "Nossa estrada com momentos tortuosos, mas vencidos pela força ao encontro de dias melhores, temos que mantê-la como uma história por onde passamos e com suas marcas em evidência para que as gerações futuras, mantenham interesse por suas raízes.

As raízes são poéticas, vademecun (do latim: vem comigo) da existência, uma longa estrada com marcas que não se apagam, vejam a expressão do sentimento:

TERRA DA GENTE

Entre o pampa e os pinheirais
Esta é a terra que nos viu nascer
Aqui trabalhamos por demais
No duro caminho de vencer

Os bons momentos na lembrança
Marcaram registros na saudade
Sempre em prosa e versos nas andanças
Neste mundo do bem e... da maldade

Quase um século de existência
De cidade em cidade o futuro forjando
Tocando em frente com força e persistência
Vencendo cancha... seguimos andando

A velha casa adorno da querência
Velho portão tantas vezes nos recebendo
O cão fiel sorriso o fim da ausência
Feliz latindo por nos estar revendo

Papai, mamãe, vovô e vovó
Trabalharam de dar dó
Mas da labuta tiravam o pó
Na conversa de um bom do filó

De filó em filó
A vida se passou
Mas com os filhos restou
O boa lembrança do filó

Todo o registro de nossas pegadas
Com marcas mil estão gravadas
Num memorial cheio de saudade
Dos palma os registros das estradas
Dez irmão
Uma longa história
Que saudade
Que memoria
Bons momentos
Pensamentos
No mundo cão vitória
Saudosas canções

Que alegria
Poesia
"Cosi sia"



Sabiá – poeta da picada

Sobre o Sabiá

Não existe, é apenas uma figura tomada pelo "existencialismo poético", devaneia entre mar, praias, matas e picadas tortuosas, formando seu enigma misterioso, do tipo "enigma do outro mundo", enfim não cabe em nenhuma definição. Mas ao seu jeito tem alma poética.

VÊNETO, UMA HISTÓRIA

Vêneto, uma lingua e uma história de muitas almas. Um pedaço da Italia, que já foi muito pobre, que já foi muito rica, terra de terremotos

e guerras. Povo sofrido, mas de alma pungente e caudal, por vez mansa, amorosa, poética, mas o satírico sempre esteve presente e veio na bagagem de nossa imigração. Razão do Pitosto ter sempre um espaço para sua ironia aos costumes ou devaneios na saudade, de contrastes mil.



Pitosto Fighe - HUMORE E STÒRIE

Storie, scherse veloci, e forse anca sporchi

DOMENEGA DANDO A SPASSO

Quando se gièra pìculi, in questo ponto ndove oncoi ghese el memorial de lá fameia, se giera soli. Par trovar uma persona bisonghava caminhar quilometri. Gèramo pròprio in meso al gnente.

Una domenega la mama dize: demo catar el zio Genio Bampi e la zia Terezina? Gèramo quatro fradei, Nini, Lé, Xiru e la sorella Marica. Com la Marica in brasso e nantri trè caminhando, parte la mama. Pora mama, la perea um cioca piena de polatrei. Encora vedo la casa a luntanarse col nostro viaio, ma tutti contenti parque demo del zio Genio. Verso le diese semo rivai e tutti contente cominciàvamo una ciàcola que non se finia mai. Ensime ai cosini, Dorico, Archimedio, Nestor e altri que non me ricordo el nome. La zia pensando nel disnar, ghe tira el colo al gal de semensa e lo mete a cosinar com taiadelle. Guemo fato anca uma bella maghada.

Giera um bel posto, verso Chalet, la terra dei giudei che gira venhesti dal L'este de Europa a 60 ani fá. Laorava in colônia sti Giudei (contadini come noi). Lora in cuesto bel posto, pien de oseliti e tutti n'antri com la fionda in man a copar oseliti. Ze stato una bela domènega. Verso le quatro dela sera, scominsiava el vigio a retorno. In certo punto dela stradeta in meso al mato, disse Xiru: mama! Bisonho ndar da corpo! – Dise la mama, và rento al mato che te spetemo. Xiru el và, tira zo le braghe, giosto quando riva uma brespa, que i indiani la cimava de mamangava e ghe da un becon giusto su la culata. Se gà messo a osare e piandere, scampa via com le braghe al danòcio e com trè o quatro passi, casca sora uma bissa, la bissa pora bestia, scampa via spaventata e enca lu più che spaventato, giera tormentato. Lá mama daromai ciamava agiuto al seghore. Dopo de cuesto viaio, Xiru ze deventá um spauron, oncoi ga paura enca de um conicio.

Semo rivai a casa a le sei de la sera, tutti contenti, Lé com na bacheta in man sponciando tutto, el giera el più frughon de tutti. E lora parlavamo tutti incime par contar al pupá lá aventura del giorno. Titti volea contar al pupá che la picolina sorela Marica, non gávea piandesto.

Par chi non conosse lá stroria dei imigrante, la par luntana como el "medioevo", ma ze stato gieri, um poco de piú de setent'ani. Imagine voi i bisnoni che zé rivai a 150 ani fá. Gue giera solo salva, gente dela salva (indiani) e tutte la bestie del mondo. La paura giera sempre insieme!

- EM PORTUGUÊS

DOMINGO PASSEANDO

Quando éramos pequenos, no lugar onde hoje é o memorial, éramos sós. Para encontrar uma pessoa tínhamos que caminhar quilômetros. Estávamos mesmo no meio do nada. Éramos quatro irmãos: Nini, Lé, Xiru e Marica com apenas dois anos, ainda no colo e nós caminhando (Papai tinha hábito de apelidar os filhos extravagantemente e gostava de algum nome indígenas).

Coitada da mãe, parecia uma choca cuidando dos pintinhos.

Um domingo a mãe nos disse: vamos visitar o tio Genio Bampi e a tia Catarina. Ainda vejo a casa se distanciando, com nossa caminhada, mas todos contentes porque íamos ao tio Gênio. Próximo das dez horas chegamos todos contentes e começava a prosa de encontro que não acabava nunca. Nós, juntos aos primos, Dórico, Arquimédio, Nestor e outros que não me recordo o nome, começamos a brincar.

A tia Teresina, já pensando no almoço, arranca o pescoço do "galo se semente" e o coloca a cozinhar, com talharim largo (taiadelle). Fizemos um grande e saboroso almoço.

Era um lugar lindo, lá pelo do lado do Chalét, terra dos judeus vindos a mais de 60 anos. Os judeus eram também agricultores, como nós.

Então neste belo lugar, cheio de passarinhos, todos com o bodoque em mãos, a caçar passarinhos, como era de costume. Foi um belo domingo.

Por volta das quatro horas, começamos a viagem de retorno. Em certo ponto da viagem, por uma trilha no meio do mato, diz o Xiru: mãe preciso fazer cocô! – Diz a mãe: entra neste matinho que te esperamos. Lá vai Xiru, tira as calças, exatamente quando chega uma vespa que os índios a chamavam de mamangava e lhe deu uma ferroada na bunda. Começou a gritar e chorar, então foge com as calças pelos joelhos e após alguns passos tropeçou e caiu sobre uma cobra grande. A pobre cobra, foge apavorada e ele também mais que apovorado estava atormentado. A mãe já pedia ajuda a Deus, mas deu tudo certo.

Após esta viagem, o Xiru ficou medroso, hoje tem medo até de um coelho.

Chegamos em casa por volta das seis da tarde, todos contentes. O Lé sempre com uma vareta em mão cutucando tudo o que houvesse ao seu redor. Ele era o mais mexerico de todos. Então falávamos todos juntos, para contar ao papai a aventura do dia. Todos ao mesmo tempo queriam contar ao papai que a irmã Marica não havia chorado.

Para quem não conhece a história dos imigrantes, parece tão longe quanto a idade média, mas foi ontem, da época, um pouco mais de setenta anos. Imaginem nossos bisavós que chagaram a mais de 150 anos? Encontraram só selva, gente da selva e todos os animais mais estranhos do mondo. O medo estava sempre junto.

Ciao e até agosto.

- EM ITALIANO

PASSAGGIO DI DOMENICA

Quando eravamo piccoli, nel luogo in cui oggi si trova il memoriale, eravamo soli. Per trovare una persona abbiamo dovuto camminare per chilometri. Giusto nel bel mezzo del nulla. Eravamo quattro fratelli: Nini, Lé, Xiru e Marica di soli due anni, ancora in grembo e noi camminavamo (papà aveva l'abitudine di chiamare i suoi figli in modo stravagante e gli piacevano alcuni nomi indigeni).

"Povera mamma, sembrava una covata che si prendeva cura dei pulcini".

Una domenica ci ha detto la madre: andremo a visitare lo zio Genio Bampi e la zia Trezina. Riesco ancora a vedere la casa allontanarsi, con la nostra passeggiata, ma tutti erano felici perché stavamo andando allo zio Genio. Verso le dieci arrivammo tutti felici e iniziò la prosa di un incontro che non finì mai. Insieme ai cugini Dorico, Archimedio, Nestor e altri che non ricordo il nome, abbiamo iniziato a suonare. Zia Terezina, già pensando al pranzo, strappa il collo del "gallo se seme" e lo cucina con le tagliatelle. Abbiamo fatto un pranzo ottimo e gustoso. Era un posto bellissimo, sul lato dello Chalet, la terra degli ebrei che arrivò oltre 60 anni fa. Anche gli ebrei erano contadini, come noi. Quindi in questo bellissimo posto, pieno di uccelli, tutti con il "bodoque" in mano, a caccia di uccelli, come al solito. È stata una bellissima domenica. Verso le quattro, abbiamo iniziato il viaggio di ritorno. Ad un certo punto del viaggio, lungo un sentiero nel mezzo della foresta, Xiru dice: mamma ho bisogno di fare la cacca! - Dice la mamma: entra in questo piccolo cespuglio che ti stiamo aspettando. Ecco Xiru, togliersi i pantaloni, esattamente quando arriva una vespa che gli indiani la chiamavano (mamangava) calabrone e gli hanno dato una puntura nel culo. Cominciò a urlare e piangere, poi scappò con i pantaloni sulle ginocchia e dopo pochi passi inciampò e cadde su un grosso serpente. Il povero serpente scappa terrorizzato e anche lui è più che spaventato. La madre ha già chiesto aiuto a Dio, ma è andato tutto bene.

Dopo questo viaggio, Xiru ha avuto paura, oggi ha persino paura di un coniglio.

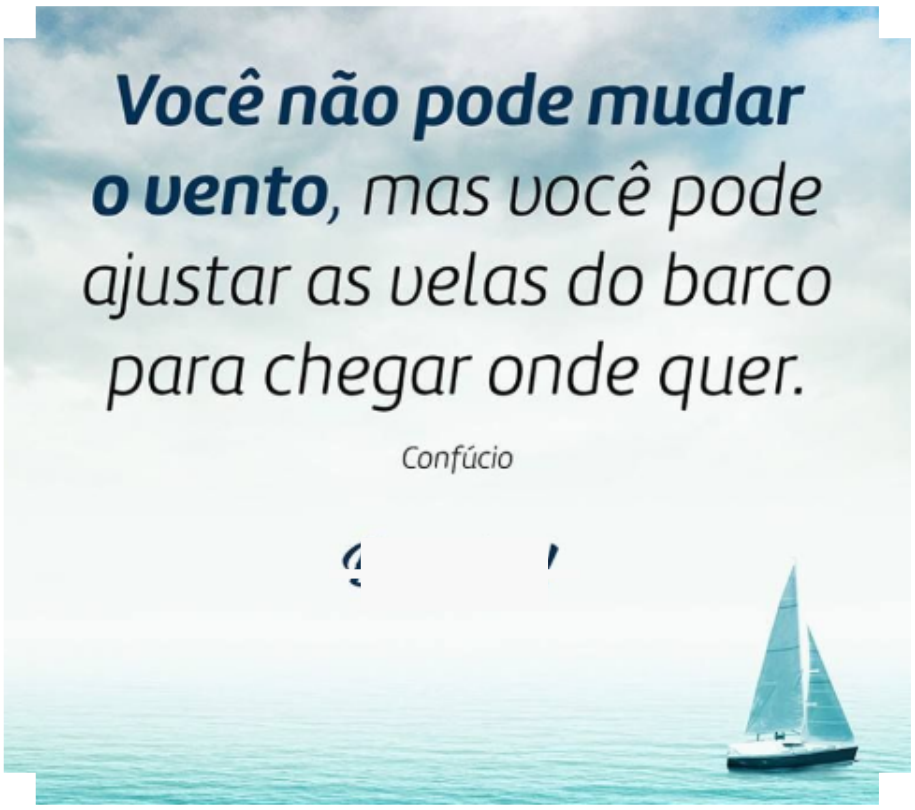
Siamo tornati a casa verso le sei del pomeriggio, tutti felici. Lé sempre con un bastone in mano, frugando in tutto ciò che lo circonda. Era il più gossip di tutti. Quindi abbiamo parlato tutti insieme, per dire a papà dell'avventura della giornata. Allo stesso tempo, tutti volevano dire a papà che sorella Marica non aveva pianto.

Per coloro che non conoscono la storia degli immigrati, sembra lontana come l'età media, ma era poco più di settant'anni fa. Immagina



Inauguração do Memorial, 17 e 18 de janeiro 2019

Cari! Ciao e fino ad agosto. Il tempo vola, la gioventu non ce la fa piú, il mondo gira e tutti noi insieme, ridendo e guardando il movimento nello spazio sensa fine....

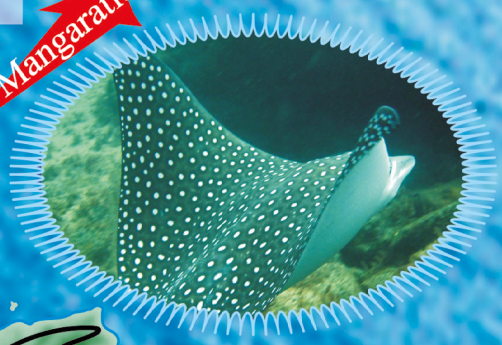


Trilhas da Ilha Grande

Trails of Ilha Grande
Angra dos Reis - Rio de Janeiro - Brazil







Angra
Mangaratiba
ABRAÃO
Freguesia de Santana
Japariz
Bananal
Matariz
Enseada do Sítio Forte
Saco do Céu
Enseada das Estrelas
Enseada das Palmas
Mangues
Pouso
Longa
Praia Grande de Araçatiba
Vermelha
Gruta do Acaiá
Pico do Papagaio
Reserva Biológica da Praia do Sul
Parque Estadual da Ilha Grande
Santo Antonio
Lopes Mendes
Caxadaço
Farol dos Castelhanos
Aventureiro
Provetá
Parnaioca
Dois Rios
Meros
T1
T2
T3
T4
T5
T6
T7
T8
T9
T10
T11
T12
T13
T14
T15
T16



TRILHAS *TRAILS* · PRAIAS *BEACHES* · POVOADOS *VILLAGES* · CAIS DE ATRACAÇÃO *PIERS*

A Ilha Grande faz parte da Área de Proteção Ambiental de Tamoios (Decreto Lei 9.452-/12/86).
Ilha Grande is part of the Tamoios Environmental Protection Area (Executive Law# 9.452 of 12/86).

	T01	T02	T03	T04	T05	T06	T07	T08	T09	T10	T11	T12	T13	T14	T15	T16
	Circuito do Abraão	Aqueduto Saco do Céu	Saco do Céu Freguesia de Santana	Freguesia de Santana Bananal	Bananal Sítio Forte	Sítio Forte Praia Grande de Araçatiba	Praia Grande de Araçatiba Gruta do Acaiá	Praia Grande de Araçatiba Provetá	Aventureiro Provetá	Abraão Praia dos Mangues Pouso	Pouso Lopes Mendes	Pouso Farol dos Castelhanos	Abraão Pico do Papagaio	Abraão Dois Rios	Dois Rios Caxadaço	Dois Rios Parnaioca
Distância / Distance / Distancia	1.700m	7.900m	3.000m	2.700m	5.100m	6.000m	11.800m (ida e volta)	3.800m	3.600m - (ida e volta)	5.100m	2.000m - (ida e volta)	11.600m - (ida e volta)	8.000m (ida e volta)	14.000m - (ida e volta)	7.000m - (ida e volta)	16.000m - (ida e volta)
Nível / Level / Nivel	Leve / Soft / Leve	Médio / Medium / Medio	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Leve / Soft / Leve	Médio / Medium / Medio	Médio / Medium / Medio	Pesada / Hard / Difícil	Médio / Medium / Medio	Leve-Médio / Soft-Medium / Leve-Medio	Leve-Médio / Soft-Medium / Leve-Medio	Pesada / Hard / Difícil	Pesada / Hard / Difícil	Médio / Medium / Medio	Médio / Medium / Medio
Atrativos / Attractions / Atractivos	Mirante da Praia Preta Poção Aqueduto Ruínas do Lazareto	Cachoeira da Feiticeira Manguezal Igreja de Cosme e Damião	Cultivo de Mexilhões Igreja da Freguesia de Santana	Lagoa Azul Cultivo de Mexilhões Igreja do Divino Espírito Santo Mirante do Bananal	Figueira Branca Cultivo de Mexilhões Manguezal Nascente	Cultivo de Mexilhões Cachoeira da Longa Igreja de São Pedro Igreja Nossa Senhora da Lapa	Gruta do Acaiá	Comunidade Evangélica	Igreja de Santa Cruz Praia e Pedra do Demo	Igreja da Praia de Palmas Vista da Enseada do Abraão	Pedras Lopes Mendes Monumento Artístico "Quando o lixo vira Arte"	Fazenda do Peter-Alemão Cultivo de Mexilhões Farol dos Castelhanos	Segundo ponto mais alto da ilha - Mirante 982 metros de altura - Visão panorâmica da bahia da Ilha Grande - Visão das praias Lopes Mendes, Dois Rios, Ilha de Jorge Grego, Saco do Céu.	Mirante Curva da Morte Piscina dos Soldados Ruínas Presídio da Ilha Grande Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho	Caminho das Pedras	Toca das Cinzas Igreja Sagrado Coração de Jesus Cachoeira de Parnaioca Ruínas da antiga vila
Praias / Beaches / Playas	Do Corisco Preta (presídio)	Iguaçú Camiranga Perequê de Fora Manguezal Do Galo Do Conrado	Do Conrado Do Funil Do Japariz	Praia da Baleia De Baixo Bananal Pequeno Bananal	Matariz Jaconema Passaterra Mangueraquissaba Do Marinheiro Manguezal Sítio Forte	Tapera Ubatubinha Da Longa Ilhote da Longa Praia Grande de Araçatiba	Araçatiba Itaguaçú Praia Vermelha	Araçatiba Provetá	Provetá Aventureiro	Da Júlia Palmas Mangues Pouso	Pouso Lopes Mendes Santo António	Da Itaoca Da Areeira Do Recife Dos Castelhanos	Angra dos Reis, Restinga da Marambaia, etc.		Dois Rios Caxadaço Pesqueiro Trinta Reis	Dois Rios Parnaioca